

CONGRESSO INTERNACIONAL

TERRITÓRIOS, COMUNIDADES EDUCADORAS

E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

Livro de Atas

Título: Territórios, Comunidades Educadoras e Desenvolvimento Sustentável

Departamento de Geografia - Faculdade de Letras
CEIS 20 – Centro de Estudos Interdisciplinados do Século XX
Universidade de Coimbra, Portugal

Coordenação

António Rochette Cordeiro
Luís Alcoforado
António Gomes Ferreira

Citação

In CORDEIRO, A. M. Rochette; ALCOFORADO, Luís; FERREIRA, A. Gomes (Coords.) *Territórios, Comunidades Educadoras e Desenvolvimento Sustentável*, Coimbra: DG-FLUC.

ISBN

978-989-96810-6-4

Edição

Departamento de Geografia - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Revisão

Patrícia Figueiredo
Liliana Paredes
Benjamim Lousada

Capa

DESIG, Arquitectura e Design

Copyright© 2014

Todos os direitos reservados

NOTA PRÉVIA

Na semana de 1 a 4 de julho de 2014, realizou-se na Universidade de Coimbra o I Congresso Internacional “Territórios, Comunidades Educadoras e Desenvolvimento Sustentável” o qual contou com a participação de aproximadamente trezentos investigadores e profissionais da Educação, da Formação e do Território provenientes de diferentes setores da Península Ibérica e da América Latina. Para além das cento e setenta comunicações apresentadas em trinta e duas sessões paralelas, há a destacar ainda duas conferências, três mesas redondas, seis mesas coordenadas, três workshops temáticos e um debate final o qual teve como tema: “Descentralização e governo local na educação: que papéis para as autarquias na Educação no Portugal do século XXI. Responsabilidades e Competências”.

As conferências proferidas pelos Professores Maria de Lurdes Rodrigues e David Justino (ex-Ministros da Educação de Portugal) revelaram -se esclarecedoras e muito desafiantes para os congressistas uma vez que cada um deles apresentou uma perspetiva muito própria sobre a temática. A Professora Maria de Lurdes Rodrigues falou da sua visão sobre a política educativa nacional e a atenção que deve existir de modo a que o direito das crianças à educação não seja colocado em causa, por forma a que os diferentes projetos a executar sejam lançados com essa atenção, isto é, que entre os diferentes processos de descentralização seja sempre assegurado o interesse superior da criança a uma boa educação. O Professor David Justino abordou o modelo de plano de educação que julga ser necessário existir, para que se efetue planeamento autárquico ao nível da educação, aliás, muito na lógica do que se tem vindo a assumir como a territorialização da educação.

Relativamente às mesas redondas contaram com diferentes especialistas e dividiram -se em três temáticas: “Educação e o Espaço Público”, “Desenvolvimento Humano, Trabalho e Cidadania” e “Educação e Desenvolvimento Sustentável”. Se, por um lado, nas conclusões foi destacada a importância de perceber o que é o público, como se constrói e como pode contribuir no âmbito do planeamento educativo para esse fim, por outro é preciso ter em linha de conta as diferentes estratégias formativas e a influência que estas têm, de forma holística, no indivíduo. Por sua vez tornou -se importante perceber das relações possíveis e desejáveis entre a educação e formação e o desenvolvimento sustentável, (nas suas diferentes valências), e como estas se interligam com o território.

Quanto ao objetivo das mesas coordenadas, este foi o de juntar técnicos e investigadores de diferentes áreas, numa partilha de boas práticas no âmbito de muitas das temáticas associadas às novas educações, tendo sido muito participadas e dividindo-se pelas seguintes temáticas: “Dinâmicas demográficas, educação e desenvolvimento sustentado”; “O município pedagógico como estrutura de educação e de desenvolvimento do ensino”; “Educação ambiental e território”; “Educação e desenvolvimento social educação”; “Cultura, património e educação”; “Educação, espaços e desenvolvimento local”.

As comunicações livres, por seu turno, procuraram a troca de ideias entre os investigadores de diferentes áreas que se cruzam no contexto global da educação e formação, razão pela qual foram propostos os dez eixos temáticos iniciais do evento foram e divididas nas seguintes sub -temáticas:

- Cidades educadoras e territórios
- Cidades educadoras, cidadania participativa e património
- Educação ambiental e território
- Educação e economia social
- Educação, ambiente e contextos escolares
- Educação, ambiente e territórios vulneráveis
- Educação, territórios, cultura e inclusão
- Educação, envelhecimento e desenvolvimento local
- Educação, formação e território
- Educação, planeamento e património
- Educação, recursos naturais e comunidade educativa

- Educação, trabalho e desenvolvimento local
- Educação/Formação profissional de jovens e adultos
- Formação de professores, educadores e território
- Formação superior, território e desenvolvimento local
- Políticas educativas de escola e territórios
- Territórios e políticas educativas de escolas
- Territórios e políticas locais de educação e formação
- Territórios, escolas e democracia
- Territórios, participação e juventude

Organizadas em trinta e duas sessões, muitas foram as conclusões que daí resultaram, tornando -se expectável que a publicação nas atas dos mais de centena e meia de artigos venha a permitir uma maior troca de informação entre todos os que se dedicam às questões da educação e do território no mundo ibero -americano. O feedback global foi, desde logo, muito positivo, uma vez que é sempre com elevado interesse que pessoas a trabalhar em áreas semelhantes, mas diferentes contextos, se juntem para refletir e questionar as temáticas de investigação, de forma a avançar criticamente com contributos para o conhecimento. Assume -se, porém, que estas sessões apresentaram fragilidades da sua tipologia, uma vez que ao decorrerem em sete sessões em simultâneo, em alguns casos tal situação implicou uma reflexão relativamente restrita.

O último dia do congresso, o dia 4, teve o propósito de apelar ao debate dos responsáveis autárquicos – políticos e técnicos – e de diferentes especialistas, em torno da procura de estratégias para melhorar a educação nos territórios municipais (e mesmo intramunicipais) através da troca de experiências educativas, procurando, assim, com que acontecesse o que foi denominado de “1º Encontro de políticas e agentes locais de educação, formação e desenvolvimento”. Neste dia, introduziu -se a dinâmica dos workshops onde, divididos por três temáticas - social, recursos humanos e ensino profissional - foi feito um brainstorming das diferentes necessidades e cuidados a ter no trabalho a desenvolver nestas áreas, de modo a inovar nas diversas estratégias. Este último dia do evento, terminou com a mesa redonda sobre descentralização e governo local na educação e sobre quais as responsabilidades e as competências que as autarquias podem vir a assumir na educação nas próximas décadas, assunto de inegável atualidade devido a todo um conjunto de circunstâncias externas que o levaram a ser o centro das atenções na comunicação social nesse mesmo dia, a nível nacional. A culminar este momento, observou -se o encerramento por parte do Secretário de Estado da Administração Local, Dr. António Leitão Amaro.

De uma forma global, a avaliação por parte de todos os participantes do congresso foi muito positiva, simbolizando um primeiro encontro de reflexão sobre estas áreas que, habitualmente, são debatidas de forma isolada e pouco de forma integrada, visando, deste modo, a construção de novos projetos de intervenção e/ou de investigação -ação. Cumpriu -se assim o propósito de juntar investigadores e técnicos locais na procura do que deverá ser o caminho para a construção de novo conhecimento numa área que há muito é falada mas cuja aplicação tem escasseado. Era nossa ambição que este momento iniciasse uma rede de trabalho, com investigadores e outros profissionais interessados em contribuir para tal desiderato, ou seja o da construção de conhecimento nesta área, desafio que decorrerá como um dos próximos passos do congresso.



Eixo 4. Educação, Património e
Cultura

REABILITAR A SABEDORIA NA CIDADE A PARTIR DA RUA DA SOFIA EM COIMBRA

ROONEY FIGUEIREDO⁽¹⁾; MAIZA TRIGO⁽²⁾; ANTÓNIO GOMES FERREIRA⁽³⁾; LUÍS MOTA⁽⁴⁾.

⁽¹⁾FLUC, (professor.rooney@gmail.com)

⁽²⁾FPCEUC, (matrigo_rn@hotmail.com)

⁽³⁾FPCEUC / GRUPOEDE-CEIS20, (antonio@fpce.uc.pt)

⁽⁴⁾ESEC-IPC 7 GRUPOEDE-CEIS20, (mudamseostempos@gmail.com)

Resumo:

Cada lugar é percebido a partir do conhecimento que já se tem ou adquire do lugar. A leitura dos espaços é feita quase que inconscientemente, pois as associações são instantâneas. No entanto, não é raro passarmos ou visitarmos lugares e não conseguirmos interagir com o espaço a partir da significância originalmente atribuída. Com o objetivo de abrigar os colégios da Universidade, quando D. João III a faz retornar à Coimbra, a Rua da Sofia é aberta com imensa importância. Sua imagem e significância foram registradas em sua toponímia de “rua da sabedoria”, pois a rua era percebida pelos objetivos de sua ocupação principal. Da mesma forma, os seus colégios receberam significância pela leitura da importância atribuída à rua. Esses diálogos iconológicos entre o espaço e seus objetivos e a percepção dos usuários ou transeuntes tornaram-na num dos elementos-chave de seu desenvolvimento. À medida que há alteração do espaço (suas edificações e objetivos), a leitura do mesmo transforma-se. Por conseguinte, o diálogo entre o indivíduo e o espaço pode promover sua importância (valorização e status) ou não (e consequente abandono social). Essa leitura reflete-se diretamente na maneira como interagimos com o lugar e na maneira como entendemos o diálogo entre a sua significância e a utilidade que lhe atribuímos. Uma simbiose de significâncias e significados atribuídos que reflete a percepção coletiva do espaço, suas edificações e os diálogos interrompidos.

Palavras-chave: Patrimônio Material e Imaterial.; Patrimônio Educativo.; Significância e Significados.

INTRODUÇÃO

A cidade e suas dinâmicas sociais alteram e reconfiguram os espaços, adequando-os para melhor atender às necessidades que surgem das mudanças. Os indivíduos que compõem o tecido social da cidade, quer seja de forma mais duradoura ou transitória, apropriam-se dos espaços atribuindo-lhes significados e dando sentido simbólico à imagem do lugar. A rua representa-lhes mais que uma rua, lugar de passagem, assume uma importância prática e simbólica no seu quotidiano. Ao falar sobre o lugar, recorre-se à sua imagem simbólica e seu discurso revela a importância (significância) que lhe atribui.

A história e a memória do mosaico urbano de uma cidade está permeada de histórias menores. As suas praças, ruas e edifícios compõem este mosaico assumindo importâncias diversas e, todas elas, a partir das percepções das pessoas. A imagem de uma cidade é o retrato das percepções. Uma rua pode ser apenas uma rua ou ser reconhecida como uma parte especial da cidade. No caso de Coimbra, a Rua da Sofia assume este papel. É a rua que fora planeada para receber os colégios da Baixa, é a rua do Colégio das Artes, é a rua do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. A Sofia está no centro simbólico da Baixa, mas a percepção deste protagonismo foi transformada por diversos eventos.

É sobre o papel de protagonista no mosaico urbano de Coimbra, sua importante relação com a Universidade e sua memória educativa, histórica, política, social e religiosa que nos propomos explorar neste artigo. Para isso, o artigo possui três tópicos de abordagem teórico-crítica. No primeiro, exploramos *A cidade enquanto tema e objeto de estudo*, recorrendo a fundamentação teórica que reforça a importância da cidade enquanto tema-objeto. Apresentada como um espaço social dinâmico e mutável, é acima de tudo um lugar de memórias, de relações, de identidade. No segundo tópico, intitulado *Coimbra e a Rua da Sofia na história da educação em Portugal*, apresentamos um breve panorama do papel histórico da Rua da Sofia. Sua relevância na história da educação em Portugal especialmente no que se

refere à modernização do ensino, em consonância com o contexto humanista europeu. Traçando este percurso, ressaltamos a ligação entre a Sofia e a Universidade, desde transferência definitiva desta para a cidade de Coimbra. Sublinhamos, ainda que muito brevemente, o impacto social destes eventos sobre a cidade. Assim, não somente resgatamos fragmentos da história da educação, como reforçamos a memória e simbolismo da Rua da Sofia. O terceiro e último tópico (mais crítico e provocativo) foi intitulado, *Reabilitar a sabedoria na cidade a partir da Rua da Sofia*. Neste último tópico, apropriamo-nos dos dois primeiros e provocamos uma reflexão a partir da classificação da “Universidade, a Alta e a Sofia como Patrimônio Mundial da UNESCO”. Invocamos, através de argumentos pautados no resgate e na valorização da memória, a resignificação da Rua da Sofia, privilegiando no discurso a interação do cidadão com o patrimônio, de forma a estimular a mesma e a atribuir-lhe valor e significado, reabilitando a sabedoria na cidade a partir da Rua da Sofia.

A CIDADE ENQUANTO TEMA E OBJETO DE ESTUDO

A cidade é um campo de estudo cuja complexidade de suas manifestações dialógicas refletem aspectos antropológicos, sociológicos e culturais de seu povo. Embora a cidade seja um objeto de pesquisa mais explorado nos campos da arquitetura e da sociologia (o primeiro no que toca às dinâmicas do espaço urbano e o segundo na relação cidade-cidadão-cidade), nos últimos anos, diferentes pesquisadores debruçaram-se sobre o tema na tentativa de explorar as lógicas urbanas nas suas dimensões social, política, econômica, histórica e educativa. Entre estes podemos citar Leonardo Benevolo, Edward T. Hall, Alain de Botton, Françoise Choay, Alois Riegl, Kevin Lynch, Carlos Fortuna, Claudino Ferreira, Paula Abreu, Paulo Peixoto, João Seixas.

Há sinergia teórica e crítica quanto à afirmação de que a cidade enquanto um ativo de potencial econômico e social tornou-se num nicho de oportunidades mercadológicas trazidas pelas estratégias de marketing turístico. Nesta esfera, a relação entre o patrimônio edificado, cultural, material ou imaterial e a cidade responde aos objetivos estratégicos da promoção do espaço enquanto um produto turístico. Partindo do princípio de que o turismo pode ser desenvolvido com responsabilidade e planeamento ético-social, não o excluimos, especialmente por permitir a interação entre a cidade e os visitantes, sobretudo a movimentação da economia, mas também a formação cultural da pessoa e a compreensão das referências identitárias.

Cada lugar é percebido a partir do conhecimento que já se tem ou que se adquire do lugar. A leitura que fazemos da cidade e seus espaços é feita de forma quase sempre inconscientemente. Contudo, não é raro passarmos ou visitarmos lugares e não conseguirmos interagir com o espaço a partir da significância originalmente atribuída, quer seja na cidade em que vivemos ou na que visitamos e, por vezes, tão somente atribuímos novos significados a esses espaços. O olhar de quem visita uma cidade traz consigo outras referências e pré-conceitos diversos, os quais provocam associações e leituras diferentes. Assim, torna-se mais provável um turista olhar admirado para os elementos de uma rua do que os cidadãos transeuntes que por ela estão acostumados a passar todos os dias. O olhar habituado à paisagem vicia-se e já não mais se excita com as belezas simples. O turista vê o monumento com olhos do presente e ideias do passado, ele viaja no que vê. Em uma publicação recente acerca da cidade, nomeadamente de Coimbra, Fortuna e Ferreira investigaram as dinâmicas e desafios do turismo urbano analisando a relação entre o turista, a cidade e seus monumentos e afirmam que “O fascínio turístico pelas cidades está relacionado, hoje mais do que nunca, com sua temporalidade e, por isso, a cidade histórica e monumental tornou-se uma das principais atrações da atualidade” (Fortuna e Ferreira, 1996 apud Fortuna *et al*, 2013, p. 21). Buscamos a monumentalidade nas coisas e não raramente as encontramos nas coisas dos outros. O turista em Coimbra, interno (português) ou externo (estrangeiro), encanta-se mais com o patrimônio da cidade do que o próprio cidadão conimbricense.

Embora pareça um fenómeno contemporâneo, a literatura já havia feito referência ao mesmo, como podemos verificar em *Viagens na minha terra*, na qual Almeida Garrett narra uma jornada por terras portuguesas em pleno século XIX, entre as cidades de Lisboa e Santarém. O autor português promove os lugares, mas sobretudo a partir das sensações que estes lugares lhe provocam: “O café é uma das feições mais características de uma terra. O viajante experimentado e fino chega a qualquer parte, entra no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o paiz em que está, o seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião” (Garrett, 1846, p. 39).

A literatura tem esta vertente mágica de tornar as cidades, aldeias e recantos românticos, atribuindo-lhes uma atmosfera quase mágica. Talvez a romantização dos lugares seja uma tentativa de eternizar nossas sensações sobre eles. As cidades são mutáveis e tornaram-se num espaço privilegiado de análise das dinâmicas urbanas que transformam os espaços e alteram seus significados e suas memórias. Ítalo Calvino, em *As cidades invisíveis*, traz a narrativa fantástica dos diálogos que o explorador veneziano Marco Polo desenvolve com imperador Kublai Kan acerca de suas missões, nos quais as cidades que habitam a memória, destacam-se pelos significados atribuídos e, por vezes, repetem-se em suas significâncias. “A memória é redundante: repete os sinais para que a cidade comece a existir” (Calvino, 2009, p. 23). Calvino desenvolve um Marco Polo preocupado em narrar a riqueza e particularidades dos espaços da cidade, cada um destes têm a sua importância e lhe é atribuído um significado percebido pelo explorador. Como cita Edward T. Hall em *A dimensão oculta*, “Os escritores, tal como os pintores, preocupam-se frequentemente com o espaço. O seu êxito no plano da comunicação das percepções depende da qualidade dos índices visuais ou outros que escolham para nos fazerem apreender os diferentes graus de proximidade” (Hall, 1986, p. 110). Tanto Garrett quanto Calvino exploram o simbolismo da cidade pela significância de suas ruas, praças, cafés, e arquitetura. Mas trata-se da cidade dos outros que se quer apreender nas suas especificidades.

De qualquer modo, quer na literatura fantástica ou nas investigações no âmbito das sociedades, a cidade repete os significados atribuídos pelos que nela habitam. A sua ocupação reflete um ajustamento do indivíduo ao lugar, promovendo uma transformação física e simbólica. Os lugares e seus significados quase sempre estão associados à natureza prática, à utilidade que os elementos da cidade oferecem aos seus cidadãos. Assim, uma rua é percebida como um meio que permite a ligação de um ponto a outro (a pé ou num transporte), se o seu fluxo oferece oportunidades comerciais pode tornar-se na rua dos sapateiros, dos talhos, dos alfaiates, dos ourives, etc.. “As ruas e as praças formam um ambiente público único e articulado, onde cada operador se faz notar e a comunidade se reconhece a si mesma” (Benevolo, 1995, p. 58). A reflexão de Benevolo sobre a cidade na história da Europa denuncia a íntima relação da cidade com seus elementos. A cidade é um organismo vivo e suas artérias são suas ruas que permitem o fluxo de pessoas, as quais reconhecem a paisagem circundante e dela fazem uso e atribuem importância prática e simbólica.

Também os edifícios que ladeiam as ruas dialogam com esta numa simbiose de significados. As construções que ocupam os dois lados da rua são a expressão concreta da utilização desta. Dada a sua característica mais duradoura, não é incomum os edifícios transcenderem os usos e objetivos das ruas que desenham a cidade. Contudo, ultrapassam os anos e, como no caso da Rua da Sofia na cidade de Coimbra, continuam a revelar pedaços da história da cidade e da relevância destes episódios na história de Portugal. Alain de Botton, destaca que as funções materiais dos edifícios dialogam connosco num “(...) curioso processo pelo qual combinações de pedra, aço, betão, madeira e vidro parecem exprimir-se e que podem, esporadicamente, causar-nos a impressão de que estão a falar-nos de coisas significativas e comoventes” (Botton, 2013, p. 86).

O uso dos edifícios determina a leitura que fazemos da rua ou mesmo do próprio bairro. Nomeamos a rua de acordo com a utilidade atribuída e percebida. Assim, na toponímia encontramos a Rua do Comércio do Porto (Porto), Rua da Moeda (Coimbra), Rua da Alfândega (Lisboa) e Rua da Sofia (Coimbra); dentre tantas outras por citar. Assim como a Rua da Alfândega em Lisboa encontra-se deslocada de seu tempo e utilidade original, a Rua da Sofia em Coimbra chega a exibir-se como uma cápsula de uma outra memória. A Rua da Sabedoria que outrora abrigou os colégios da Baixa, hoje é um espaço de memória impregnado de história; contudo, silenciado pelas transformações e dinâmicas urbanas que lhe impuseram um *status* diferente do seu original. “O espaço público de utilização coletiva é a componente do território urbano que maior capacidade tem (para o bem e para o mal) de evidenciar, em larga escala, os resultados materiais ou intangíveis das transformações a que a cidade, enquanto organismo vivo, está sujeita” (Bonifácio, 2013, p. 210).

A cidade de Coimbra e sua universidade possuem uma forte presença social no imaginário português, como Eça de Queiroz (2014) explora em sua obra *Os Maias*, especialmente destacando a importância da família da Beira cujo varão Carlos estudava medicina em Coimbra. A relação entre a cidade e a universidade parecem hoje equivocadamente dissociadas, embora se desdobre ao longo da história num leque de eventos e transformações que pouco difere do que ocorreu com outras cidades europeias como Pádua, Bolonha, Valladolid e Paris. Nesta última, um exemplo de simbiose (não necessariamente perfeita) entre o turista e o morador, as ruas que abrigavam os colégios da Sorbonne, no Quartier Latin de Paris, receberam novos significados diante da adaptação dos espaços ao desenvolvimento do turismo urbano. Em Coimbra são poucos os que relacionam a rua da Sofia com a Universidade, pese embora nessa relação se tenha assente a candidatura vitoriosa a **património** mundial da humanidade.

COIMBRA E A RUA DA SOFIA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL

A cidade de Coimbra no cenário histórico, político, militar e religioso de Portugal está longe de ocupar um papel secundário. De capital política e militar à capital do conhecimento, a cidade de Coimbra é cenário de um conjunto de transformações que reflete os contextos temporais e seus impactos sobre o reino de Portugal. Embora durante o reinado de D. Manuel I – O Venturoso (1495-1521) – o reino de Portugal não apresente destacado progresso pedagógico, não se pode dizer que Portugal vivia à margem do que ocorria na evolução do ensino na Europa. Ainda durante o reinado de D. João II, diversos bolseiros foram enviados para importantes universidades da Europa. Seguindo este passo e com vistas à preparação de um corpo que pudesse atender às prerrogativas e representação do reino no cenário político-religioso internacional, ambos os monarcas seguintes, D. Manuel I e D. João III investiram nos “bolseiros régios”. Durante o reinado de D. João III, cerca de 50 bolseiros estudaram no Colégio de Santa Bárbara em Paris que era dirigido pelo português Diogo de Gouveia, o Velho.

É precisamente neste reinado de D. João III – O Piedoso (1521-1557) – que ocorrem as mais profundas mudanças no ensino universitário. Em 1537, a sede do Estudo Geral é transferida de Lisboa para Coimbra, numa manifestação do compasso que se marcava na reestruturação do ensino em Portugal.

No entanto, já em 1527, sob a orientação de Frei Brás de Braga, se inicia a reforma pedagógica de Santa Cruz de Coimbra. Importa destacar que a cidade de Coimbra já gozava, desde a Idade Média, de certo prestígio no campo cultural.

O *status* do Mosteiro de Santa Cruz decerto provocava a idealização de uma poderosa imagem simbólica entre os moradores da Baixa de Coimbra e, mais ainda, sobre o cenário religioso e educacional europeu; sobretudo pela autoridade intelectual, política e espiritual que os monges de Santa Cruz de Coimbra possuíam. Era natural que o teatro social atuasse na construção de significados e significâncias distintas para conimbricenses, especialmente da zona da Baixa onde estava o mosteiro, afetando de formas diferentes os diferentes extratos sociais. Como afirma Vauchez, esta relação entre os mosteiro crúzio e as personagens influentes alinha-se ao contexto temporal: “Se a aristocracia leiga se distingue claramente da massa dos trabalhadores, ela vive, pelo contrário, em estreita simbiose com o clero, e

sobretudo com os monges” (Vauchez, 1995, p. 41). No século XVI, os mosteiros por toda a Europa atuavam num expressivo teatro de interesses com os reinos.

É no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra que se instalam os Estudos Gerais, transferidos definitivamente para Coimbra em 1537. Este evento bem ilustra o que ressaltamos anteriormente acerca do prestígio do mosteiro crúzio. O ensino renascentista estava em evidência no cenário europeu e Portugal, como importante reino no xadrez político internacional, não podia desviar-se deste desenvolvimento. A cidade de Coimbra era uma decisão acertada, tanto na esfera estratégica quanto pedagógica. Por outro lado, os monges de Santa Cruz estavam entre os poucos no reino que possuíam competências necessárias para o desenvolvimento pedagógico da reforma.

O cenário de relativa confluência de interesses entre o prior crúzio e o reitor logo se revelou numa disputa de poderes. A Universidade não possuía edifícios próprios e ainda o prior de Santa Cruz guardava consigo o desejo de estar no controle da Universidade. Os desentendimentos culminam numa mudança de cenários que já era esperada. “A situação só teria remédio com a construção de edifícios próprios para o funcionamento da universidade e por esse motivo se apressou o rei a aprovar os debuxos das construções e a ordenar o seu começo” (Lobo R. P., 1999, p. 8).

A Rua da Sofia mostra-se como um projeto ousado com objetivos claros e bem definidos. Iniciadas as obras que rasgavam a nova rua, alterando a paisagem da Baixa, para dotar a cidade de condições necessárias à instalação dos colégios, foram feitos diversos ajustes nos acessos e expropriações com os proprietários que se viam no caminho das obras (Rossa, 2006). Em consonância com as medidas reformistas, a criação de colégios na então aberta rua. Inicialmente foram criados e instalados os colégios de Sto. Agostinho, S. João Batista, S. Miguel e de Todos-os-Santos (Rossa, 2006). Embora o projeto da Rua da Sofia se tenha estabelecido e posto em prática, os edifícios que abrigariam a Universidade nunca foram construídos. Diante deste cenário, D. João III transfere, em 1544, todas as Faculdades para seus Paços Reais na Alta da cidade. Mestres como o espanhol Martim de Azpilcueta Navarro, Martinho de Ledesma e Afonso de Prado compõem o respeitado quadro de professores da Universidade, que logo se destaca no cenário europeu.

Estas mudanças levam a Baixa da cidade de Coimbra a iniciar um processo de adaptação, especialmente pelo impacto (ainda não de todo sentido) no *status* da Rua da Sofia. Contudo, o mosteiro de Santa Cruz ainda mantinha certo prestígio e alguns colégios da Sofia destacavam-se no cenário acadêmico. O Colégio das Artes, situado próximo ao mosteiro dos crúzios, com a instalação da inquisição em Portugal (1536), viria posteriormente ser palco de uma nova transformação social no imaginário da Rua da Sofia.

No ano de 1540 chegam a Portugal os primeiros jesuítas e, em Coimbra, são inicialmente recebidos pelos monges de Santa Cruz, onde são albergados. Posteriormente, instalados na Alta da cidade, ali fundam o Colégio de Jesus, nas proximidades da Couraça dos Apóstolos. O papel dos jesuítas no apostolado educativo foi impulsionado pelo patrocínio régio de Portugal. Logo os colégios jesuítas tornam-se numa forte referência não somente em terras portuguesas.

Em 1548, é criado o Colégio das Artes, com independência frente à Universidade de Coimbra e nos moldes dos melhores colégios europeus. Para direção do Colégio das Artes, D. João III convida André de Gouveia¹, que morre no mesmo ano.

Durante os ventos da Inquisição em Portugal, o Colégio das Artes torna-se sede do Tribunal do Santo Ofício em Coimbra. A rua cuja toponímia elevava-se como rua da sabedoria, via-se envolvida num dos mais horrendos espetáculos do Tribunal da Inquisição. Num intervalo de menos de um século, a rua aberta com o objetivo de receber os edifícios que abrigariam a Universidade tem o seu prestígio de certa forma afetado pela transferência da Universidade para os paços reais e, mais tarde, é cenário das procissões de fé do Tribunal do Santo Ofício.

¹ Importa destacar as divergências de ideias entre Diogo de Gouveia e André de Gouveia. Segundo Diogo de Gouveia, o sobrinho tinha simpatias Luteranas (Avelar, 2010, p. 308).

O percurso histórico português ainda colocaria a cidade de Coimbra na rota de eventos de forte impacto. As invasões das tropas Napoleónicas levaram a Baixa coimbrã a vivenciar o saque das tropas francesas, uma situação que se complicava ante o contexto de miséria que afetava todo o reino. “Reduzidas à fome e ao desemprego nas cidades, e, no campo, à imposição de pesados tributos sobre as colheitas e o gado, que lhes foram impostos pelo invasor, as camadas populares muito sofreram ‘naquele desgraçado tempo’ assistindo com espanto e desagrado às pilhagens das igrejas e acabando por manifestar uma clara tendência de rebelar-se contra o domínio francês” (Neves, 2008, p. 16).

Na segunda metade do século XVIII, o Mosteiro de Santa Cruz é remodelado e recebe um arco triunfal. Sopravam fortes ventos de mudanças e, em 1834, com a extinção das ordens religiosas, os colégios que ainda estavam em funcionamento na Rua da Sofia perdem seu sentido e significado no novo contexto. “Parte dos edifícios foi ocupada com habitações, comércio e serviços, outros passaram a ser lares de idosos” (DGEMN, 2006, p. 194). Essa nova configuração da rua e seus edifícios teve um reflexo imediato sobre os usos e objetivos da Rua da Sofia. O património edificado da Sofia é ocupado no sentido de dar-lhe nova utilidade, mesmo que esta em nada se aproxime de seus objetivos utilitários originais.

As gerações que se seguiram adaptaram-se aos novos contextos, a rua da Sabedoria tornou-se num espaço comercial. A simbologia dos edifícios fora alterada e, com ela, alterou-se o significado simbólico da Rua da Sofia. Relegada ao papel de uma rua comum com algumas edificações históricas, a Sofia silenciou sua significância e seu diálogo iconológico, pois “O significado *simbólico* depende, pois, de um modo crítico da capacidade humana de interiorizar uma linguagem e usar o seu sistema de signos como um interpretante nesta relação *de substituição*” (Bruner, 2008, p. 89). Se os signos da Rua da Sofia mudaram, com eles mudou-se a Sabedoria.

REABILITAR A SABEDORIA NA CIDADE A PARTIR DA RUA DA SOFIA

A classificação da Universidade, Alta e Sofia como património mundial da UNESCO, em 22 de Junho de 2013, colocou a cidade de Coimbra no circuito de “cidades-património”. Esta afirmação leva-nos a uma pergunta: Mas já não era? Se uma leitura breve de uma de suas mais famosas ruas revela um conjunto de elementos históricos, sociais, religiosos e políticos da mais rica importância, o que dizer da cidade como um todo? Parece uma lógica pouco coerente, mas reflete seu tempo e as expectativas mercadológicas imediatistas que orquestram as políticas públicas centradas nas potencialidades de um turismo urbano. A cidade e sua identidade cultural é um bem valioso, precioso e, sobretudo, social. A ocupação planeada do património em consonância com um projeto de valorização da cidade e sua memória é uma necessidade que se eleva com a classificação da cidade como património mundial da UNESCO.

Eis três pontos essenciais em nossa reflexão: 1. A Rua da Sofia é resultado da materialização da primeira grande reforma pedagógica em Portugal; 2. A rua possui um conjunto edificado de nove colégios, representando um importante património material e imaterial da história da educação em Portugal; 3. A história religiosa, política e educativa da cidade de Coimbra e de Portugal refletem-se na história da Rua da Sofia. Partindo deste três pontos, propomos uma reflexão em parte ou em conjunto, considerando o trinómio cidade-memória-património. Sendo o património um bem valioso, quer seja ele material ou imaterial, preservá-lo é fundamental. “Mas nós somos, hoje, confrontados com uma revolução semântica. E é a uma outra escala, hegemónica e não casual, que se impõe o valor económico do património” (Choay, 2011, p. 47). Assim, também sabemos que a Rua da Sofia pode sofrer uma mercantilização do património ou, mesmo, uma nova reconfiguração.

O inventário do património arquitetónico da Rua da Sofia aponta um conjunto significativo de colégios ao longo da Rua da Sofia. Além dos ambientes que cada um destes espaços arquitetónicos possui, não devemos desprezar os seus claustros e jardins, ocultos no espaço interior destas edificações. Espaços cujos diálogos são abafados pela vida agitada dos automóveis na Sofia e que podem ser ocupados dentro de uma ótica de integração entre o cidadão, o património e a cidade, reabilitando a imagem da Sabedoria dos Espaços na Sofia. Os colégios da Sofia emprestam significados educativos e religiosos e revelam-se, ao mesmo tempo, como espaços de conhecimento. Aproximar estes espaços das pessoas, integrá-los nas dinâmicas cidadãs de Coimbra é uma possibilidade que surge neste novo contexto.

Vale lembrar ainda que, do ponto de vista urbanístico, a Rua da Sofia destaca-se em monumentalidade, especialmente pela “(...) presença estruturadora das três igrejas colegiais do Carmo, da Graça e de São Pedro da Ordem Terceira, ao longo da frente nascente” (Lobo R. , 2006, p. 38). As igrejas dos colégios da Sofia compõem o cenário, combinam-se no conjunto edificado atendendo às necessidades espirituais e artísticas. O alargamento do seu sentido histórico amplia seu potencial de conquistar as massas e receber reconhecimento enquanto valor de antiguidade (Riegl, 2013). Envolver as pessoas, cidadãos da cidade, convocando-as para a ocupação social dos monumentos é estimular que a cidade seja vivida em todos os seus espaços de memória.

Sabe-se que a vida económica da cidade é, ao menos em parte, ligada ao fluxo de turistas atraídos pelos seus monumentos. No entanto, a valorização do património com vistas à promoção da imagem da cidade, tão somente no contexto de uma estratégia de objetivos mais mercadológicos, pode não contemplar devidamente o principal património das cidades: seus cidadãos. Quando muito, pode possibilitar desenhar um cenário onde todos crêem estar vivendo um momento de desenvolvimento efêmero. Todavia, em muitos casos, como afirma Duarte e Júnior, (2007, p. 279), vê-se que a radicalização das práticas de *city marketing* tem feito com que *vender a cidade* se tenha tornado tão ou mais importante do que realizar um planeamento urbano eficiente.

A cidade de Coimbra está num contexto que privilegia a tomada de decisões de resgate, conservação e conseqüente valorização da sua memória educativa, histórica e social. Para se *reabilitar a sabedoria na cidade a partir da Rua da Sofia* faz-se necessário que o poder público e os cidadãos trabalhem no equilíbrio e valorização do sua identidade, história e memória com ética pública e expressão coletiva. O património deve ser entendido como capital social porque, como salienta Seixas, ele implica com os que se relacionam com ele. “O capital social compreenderá, assim, a combinação de elementos-chave de âmbito identitário e relacional, presentes na sociedade civil: confiança, expectativas, normas de reciprocidade, laços e redes de comunicação e de relacionamento” (Seixas, 2013, p. 205).

Convocar a cidade a resgatar a Sofia, consciencializar-se e ocupar com responsabilidade seus espaços de memória é atuar diretamente sobre a letargia que consome os monumentos. Importa ressaltar que o termo “responsabilidade” aqui é adotado convocando essencialmente ao compromisso do indivíduo com o património. Ocupar com sabedoria, respeitando os limites éticos e morais que preservam o património para as gerações vindouras. Embora algumas considerações de André Malraux acerca do património sejam criticadas, como revelação de “ingenuidade e ignorância”, especialmente no que toca ao património construído, ousemos tomar como ponto de reflexão um trecho no citado por Françoise Choay no qual Malraux diz: “Mas as nações não são apenas sensíveis às obras-primas, elas tornaram-se a única presença do passado. Está aqui o ponto decisivo: descobriram que a alma do passado não é feita como obras-primas, que em arquitectura, uma obra-prima isolada corre o risco de ser uma obra-prima morta; (...)” (Choay, 2011, p. 211).

Quantas obras de arquitetura estão isoladas na Rua da Sofia? Ora, podemos mesmo citar o completo e agressivo isolamento de uma capela transformada em centro comercial, de onde hoje apenas identificamos o que é pela sua conturbada fachada e o teto de um café em seu interior. A transformação que ocorreu na significância da Sofia foi tão dramática que tomamos as mudanças como eventos naturais, parte do contexto urbano das mudanças. Em matéria de património assusta-nos, em matéria de memória preocupa-nos. Convém assim referir porque a perda da memória dos lugares é suave e pouco percebida. A mudança física pode ser vista e sentida, quer seja no momento ou posteriormente. Quando a capela foi desmontada teve sua repercussão, mas ainda hoje (alguns) chocamo-nos. No entanto, a memória da Rua da Sofia escapa pelos nossos dedos como areia na mão.

Na mitologia clássica, Minerva (Atena para os gregos) é a deusa da sabedoria, dos ofícios, dos heróis e guerreiros e protetora das cidades (Muela, 2011). Nas escadas que dão acesso ao pátio das escolas na Universidade de Coimbra, há uma porta de Minerva. O próprio selo da Universidade invoca a deusa em sua representação e abordagem iconológica. Do grego *sophos* (σοφός) vem o termo *sophia* (Σοφία), definido como aquele que detém o conhecimento (sabedoria). A Rua da Sofia é a representação material (património edificado) e imaterial (história e memória) da Universidade e da cidade de Coimbra. Seus

colégios estavam alinhados às melhores propostas arquitetônicas e pedagógicas de seu tempo. Colocando Coimbra em igualdade com o desenvolvimento de outras cidades universitárias como Bolonha, Pádua, Valladolid e Paris. A importância de Coimbra reflete sobretudo no intercâmbio de arquitetos, engenheiros, mestres e artistas que circulam por estas cidades. Importa citar que entre 1755 e 1764 esteve radicado em Coimbra o renomado arquiteto bolonhês Giacomo Azzolini, trazendo consigo a influência do modelo do *Collegio di Spagna* (Bolonha-Itália) (Lobo, 2006).

Para fechar este ponto, apropriamo-nos do que diz Fortuna [et al]: “O turismo é um fator incontornável da transformação recente dos territórios urbanos e das suas economias” (Fortuna, Gomes, Ferreira, Abreu, & Peixoto, 2013, p. 19) e o uso do património dentro de um contexto de objetivos estratégicos voltados para o turismo urbano e cultural é uma realidade de nosso tempo, devendo os diversos atores sociais envolverem-se numa proposta integrada que contemple o cidadão e o turista.

A classificação da Universidade, da Alta e da Rua da Sofia como património mundial da UNESCO é uma janela de oportunidades que se abre para a cidade de Coimbra e seus cidadãos. A Rua da Sofia oferece um conjunto de elementos com elevados potenciais de uso social no âmbito da integração do cidadão com os espaços da Sofia, na perspectiva de ações de estudo, resgate e conservação da memória e do património educativo, como ainda da exploração ética do turismo cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade inscreve-se num território e com ele se relaciona. Ela não é mera existência física, nem ilha sem horizontes. Não é também só expressão da edificação que a técnica e a economia determinou. A cidade é um organismo vivo, cujas dinâmicas sociais refletem os eventos históricos, sociais, políticos e religiosos de tempos vários e, obviamente, do tempo presente. A cidade é espaço de relações de diversa natureza, de relações entre pessoas, entre a memória e o pensar do presente, entre “arquiteturas” e espaços ignorados, entre o real e o imaginário Repensar a cidade a partir de seus lugares da memória permite-nos contemplar possibilidades de resgate e preservação da memória. O imaginário popular, através das múltiplas vivências e reinvenções das pessoas que habitam as cidades e das utilizações que fazem do património, transforma a imagem simbólica dos lugares e das coisas com que se confronta. Mas o imaginário popular não é um inevitável acontecer...

A Rua da Sofia foi aberta no âmbito da transferência definitiva da Universidade, de Lisboa para Coimbra. A primeira metade de quinhentos é decisiva para a cidade. Se em 1527, sob a orientação de Frei Brás de Braga, se inicia a reforma pedagógica de Santa Cruz de Coimbra, em 1537, os Estudos Gerais são definitivamente transferidos para Coimbra. Inicialmente instalados no mosteiro de Santa Cruz, as divergências entre o reitor e o prior do mosteiro levam o rei a aprovar apressadamente os debuxos para construção de edifícios próprios. A Rua da Sofia é aberta para permitir a construção de modernas edifícios para a então Universidade. Embora o projeto da Rua da Sofia se tenha estabelecido e posto em prática, os edifícios que abrigariam a Universidade nunca foram construídos. Entretanto, D. João III transfere em 1544 todas as Faculdades para seus Paços Reais na Alta da cidade.

Embora o contexto de transferência coloque os olhares para a Alta, a Sofia não perde de todo seu valor simbólico, especialmente porque é o endereço de importantes colégios. Destes, resistiram ao tempo e às mudanças advindas das dinâmicas urbanas vários colégios, aos quais podemos associar o do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Este património arquitetónico de cariz religioso e educativo resistiu ao tempo e somente com a extinção das ordens religiosas em 1834 os edifícios da Rua da Sofia foram reocupados e resignificados, por virtude de novos usos.

À medida que os espaços sofrem alterações nas suas edificações e objetivos, a leitura do mesmo igualmente se transforma. Por conseguinte, o diálogo entre o indivíduo e o espaço pode promover sua relevância, valorização e *status*. A situação inversa, onde os espaços perdem ou têm a sua relevância transformada, pode refletir-se num abandono social, mais precisamente do ponto de vista da significância social. Essa leitura reflete-se diretamente na maneira como interagimos com o lugar e na maneira como de Coimbra. A imagem construída de *Cidade do Conhecimento* e, nos últimos anos, a

tentativa de *UniverCidade*, são indicativos de que há consciência [embora limitada e pouco consequente] acerca da importância que a história da Universidade e os seus desdobramentos têm para Coimbra.

Em 2013, a Universidade, a Alta e a Sofia foram classificadas na lista de Património Mundial da UNESCO. Neste contexto, as mobilizações em torno da resignificação da cidade e seu património ganharam novo fôlego. Contudo, as expectativas em torno de estratégias voltadas ao desenvolvimento do turismo na cidade levantam algumas reflexões, ao mesmo tempo que nos permitem provocar o resgate da memória e significância da Rua da Sofia na cidade e dar-lhe um sentido maior, mais integrado numa visão de cidadania.

Sob o título *Reabilitar a Sabedoria a partir da Rua da Sofia em Coimbra*, propusemos ao longo deste artigo um repensar da imagem da cidade a partir da Rua da Sofia. A provocação no *Reabilitar a Sabedoria* tenta essencialmente chamar a atenção para a relevância histórica da Rua da Sofia na cidade de Coimbra. Invocamos ainda a necessidade de ocupar os espaços da Sofia trazendo o cidadão a viver a cidade e seu património, na expectativa de que o património vivido pela cidade seja reconhecido e significado como tal, dentro de uma estratégia que resgate e promova o património histórico, social e educativo da Sofia e, devolvendo-lhe (ao menos de certa forma) a sua significância no contexto social da cidade, lhe possibilite inserir-se numa lógica de promoção de cultura, de ação educadora. Acreditamos que, dessa maneira, as lógicas do *marketing* turístico na promoção do turismo cultural em Coimbra possam ser desenvolvidas sem necessariamente interferir negativamente sobre as relações entre o património educativo da cidade e seus cidadãos, protegendo-os de uma mercantilização mais agressiva, comum na ações mercadológicas contemporâneas.

Tomando como ponto de partida a Rua da Sofia, destacamos que a reabilitação da Sabedoria é, sobretudo, a reabilitação das formas de ver o conhecimento na cidade, trazendo-lhe de volta protagonismo urbano a partir de um imaginário revisitado. Devolvendo a Sofia à cidade, seus colégios, claustros e jardins, e “integrando-a” na Universidade e na sua história, tendemos a promover a valorização um património arquitetónico que só será devidamente potenciado se for entendido como património cultural e educativo de elevada importância na identidade de Coimbra. Torna-se, portanto, relevante reimaginar a sabedoria religando a rua da Sofia à Universidade, à cidade, à região, ao país, ao mundo.

entendemos o diálogo entre a sua significância e a utilidade que lhe atribuímos. Neste aspecto, aqui buscou-se enfatizar os aspectos históricos, políticos e sociais que nortearam a relação da Universidade com a Rua da Sofia. Uma relação que reflete-se diretamente sobre a identidade da cidade

BIBLIOGRAFIA

- AVELAR, A. P. (2010). D. João III: O Piedoso (1521-1557). In: M. Mendonça, *História dos reis de Portugal* (Vol. 1). Lisboa, Portugal: Academia Portuguesa de História e Quidinovi.
- BENEVOLO, L. (1995). *A cidade na história da Europa*. (E. P. Lisboa, Trad.) Lisboa, Portugal: Editorial Presença.
- BONIFÁCIO, A. (2013). Espaço público e identidade urbana. In: J. Seixas, *A cidade na encruzilhada: repensar a cidade e a sua política pública*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- BOTTON, A. d. (2013). *A arquitectura da felicidade*. (L. Filipe, Trad.) Alfragide, Portugal: Dom Quixote.
- BRUNER, J. (2008). *Actos de significado*. (V. Prazeres, Trad.) Lisboa, Portugal: Edições 70.
- CALVINO, Í. (2009). *As cidades invisíveis*. (J. C. Barreiros, Trad.) Sant Vicenç dels Horts, Barcelona, Spain: Grupo COFINA.
- CHOAY, F. (2011). *As questões do património: antologia para um combate*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- CRAVEIRO, L. (2011). *A Sé Nova de Coimbra*. Coimbra, Portugal: Direção Regional de Cultura do Centro.
- CRAVEIRO, L. (2011). *O mosteiro de Santa Cruz de Coimbra*. Coimbra, Portugal: DRCC - Direção Regional de Cultura do Centro.
- DGEMN. (Setembro de 2006). Inventário do património arquitetónico. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*(25), 188-197.

- DIAS, N., AMARAL, E., E COBOS, J. M. (1º Semestre de 2012). Influência dos jesuítas no ensino em Portugal. *Llull: Revista de la Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas*, 35(75), 111-128.
- DUARTE, F., E JÚNIOR, S. C. (Março/Abril de 2007). Cidade à venda: reflexões éticas sobre o marketing URBANO. *RAP - REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA*, 41(2), 273-282.
- FORTUNA, C., GOMES, C., FERREIRA, C., ABREU, P., E PEIXOTO, P. (2013). *A cidade e o turismo urbano: dinâmicas e desafios do turismo urbano em Coimbra*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina.
- GARRETT, A. (1846). *Viagens na minha terra* (Vol. 1). Lisboa, Portugal: Typographia da Gazeta dos Tribunais.
- HALL, E. T. (1986). *A dimensão oculta*. (M. S. Pereira, Trad.) Lisboa, Portugal: Relógio D'Água.
- JOLY, M. (2005). *A imagem e os signos*. (L. C. Costa, Trad.) Lisboa, Portugal: Edições 70.
- LOBO, R. (Setembro de 2006). Os colégios universitários de Coimbra: enquadramento na arquitectura universitária europeia e seriação tipológica. *Revista Semestral de Edifícios e Documentos*(25), pp. 32-45.
- LOBO, R. P. (1999). *Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo: evolução e transformação no espaço urbano*. Coimbra, Portugal: EDARQ - Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC.
- LYNCH, K. (1999). *A imagem da cidade*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- MENDES, A. R. (1997). A vida cultural: O pré-humanismo português: A reforma da Universidade. In: J. Mattoso, *História de Portugal - No alvorecer da modernidade, 1480-1620* (Vol. 3, pp. 333-371). Lisboa, Portugal: Estampa.
- MUELA, J. C. (2011). *Iconografía Clássica: guía básica para estudantes*. Madrid, Espanha: Akal/Istmo.
- NEVES, L. M. (Setembro/Novembro de 2008). Portugal durante a ausência do rei. *Revista USP*(79), 10-21.
- PAIVA, J. P., E MARCOCCI, G. (2013). *História da Inquisição portuguesa 1536-1821*. Lisboa, Portugal: A Esfera dos Livros.
- QUEIROZ, E. d. (2014). *Os Maias*. Porto, Portugal: Porto Editora.
- RIEGL, A. (2013). *O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos*. (J. T. Proença, Trad.) Lisboa, Portugal: Edições 70.
- ROSSA, W. (Setembro de 2006). A Sofia: primeiro episódio da reinstalação da moderna Universidade portuguesa. *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*(25), pp. 16-23.
- SEIXAS, J. (2013). *A cidade na encruzilhada: repensar a cidade e a sua política*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- TRINDADE, L. (2014). A água nas cidades portuguesas entre os séculos XIV e XVI: a mudança de paradigma. *Parimonio cultural vinculado con el agua. Paisaje, urbanismo, arte, ingeniería y turismo*, 363-376.
- VAUCHEZ, A. (1995). *A espiritualidade da Idade Média Ocidental: Séc. VIII-XIII*. (T. A. Cardoso, Trad.) Lisboa, Portugal: Editorial Estampa.

Organização:



Apoios:

